

Apresentação

Dossiê Alteridade Religiosa: homenagem ao Professor Rogério de Oliveira Ribas

Reconhecer-se a partir da relação com o outro. A experiência da alteridade é um desafio cotidiano por qual a sociedade humana tem passado ao longo de sua história. A relação de coexistência entre os diferentes credos e culturas religiosas durante a Época Moderna nos traz um manancial de temas propícios para a discussão histórica. Riqueza esta que exploraremos neste dossiê.

Neste segundo volume, a revista *Sete Mares*, ao promover o debate histórico sobre a Época Moderna, escopo principal para o qual foi criada, tem uma missão a mais, homenagear o Professor Doutor Rogério de Oliveira Ribas. Nascido em Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte, ele acabou por passar grande parte de sua vida em terras fluminenses. Nutria estas duas paixões, nunca escondeu ser mineiro de nascimento, mas deixava evidente seu amor por viver na cidade maravilhosa.

O professor Rogério Ribas graduou-se em História pela Universidade Federal Fluminense em 1975, e entre 1979 e 2012 dedicou-se ao ensino e à pesquisa nesta mesma instituição. Atuou nos períodos da Idade Média e nos Tempos Modernos, ministrando principalmente cursos a respeito das sociedades islâmicas e das Inquisições medieval e moderna, ou seja, era um entusiasta dos estudos sobre a alteridade religiosa. Logo, nada mais justo para fazer-lhe uma homenagem do que promover discussões históricas tendo como temática as culturas religiosas.

O professor Rogério sempre foi um grande incentivador de novos pesquisadores, propondo temas inéditos e instigando o interesse pelos arquivos. Tinha o dom de cativar os alunos, tanto durante suas aulas, em que o tempo parecia um algoz, pois sempre tinha muito mais a discutir do que o período permitido pela aula, quanto à pesquisa documental. Nos anos em que esteve em Portugal pesquisando para o seu doutoramento, se tornou exímio leitor dos manuscritos inquisitoriais, e desenvolveu uma relação apaixonada pela pesquisa documental. Os anos de trabalho no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, resultaram em trabalho que hoje é referência para aqueles que estudam o islamismo na Época Moderna. Assim, este dossiê busca cumprir o difícil papel, de maneira singela, mas verdadeira, de agradecer o legado deixado por ele.

Abrangendo diferentes áreas do império lusitano, os artigos revelam a multiplicidade de relações estabelecidas pelos portugueses entre os séculos XVI e XVIII. A exacerbação das alteridades entre o lusitano e as populações por ele conhecidas se fizeram presentes em diferentes partes do império, marcando profundamente a formação da identidade portuguesa ao longo dos

tempos modernos. Em meio a estas relações, ganha destaque o papel da alteridade islâmica na formação da identidade cristã lusa e na sua relação com a expansão marítima portuguesa.

Thiago Mota traz à tona discussões sobre a importância das alteridades na elaboração de estratégias adotadas pela cristandade europeia para poder lidar com o *outro*. Assim, o autor apresenta o caráter moderno da alteridade islâmica no império português, no qual a construção da identidade lusa foi assentada, entre outros elementos, sobre a concepção de si mesmo como agente da conversão à verdadeira fé cristã em oposição ao gentio e, sobretudo, ao *infiel*.

Outro fenômeno ligado às alteridades religiosas em Portugal foi analisado por Juliana Torres: a feitiçaria. No século XVI, quando o Santo Ofício luso dedicava-se com força à busca por cristãos-novos judaizantes, no Arcebispado de Braga algo diferente se apresentou. Segundo a autora, grande número de acusados de feitiçaria surgem em meio aos processos bracarenses durante o arcebispado de Bartolomeu dos Mártires. Este, desenvolvendo diferente prática pastoral – consoante aos ditames tridentinos –, estimulando a denúncia contra feitiçarias e demonizando práticas populares, tentou, através de seu esforço catequético em meio ao povo de Braga, doutriná-lo segundo a “verdadeira fé cristã”. Torres, com isso, nos revela outros matizes das alteridades religiosas cristãs em solo português.

A ação eclesiástica em meio a populações distantes do reino, e aparentemente ainda mais distantes dos modelos cristãos elaborados e reforçados a partir do Concílio de Trento, receberam a atenção de Live França. Atenta às relações entre clérigos católicos e a população do Recôncavo da Guanabara setecentista, a autora destaca a atuação daqueles na ordenação do espaço por eles controlado, assim como da gente que lá vivia. Esta, pertencente a um espaço inserido no império luso, também era fiscalizada e enquadrada pelos ditames comportamentais e religiosos estabelecidos na Europa, revelando os reflexos disto no ultramar brasileiro.

Nesta mesma vasta região do império, nas paragens maranhenses seiscentistas, Roberta Lobão aborda os choques ocorridos entre jesuítas e colonos em torno do uso da mão de obra indígena. Utilizando os escritos do inaciano Bettendorff, a autora obteve privilegiada visão da oposição de valores entre os líderes dos motins e os membros da Cia. de Jesus. Estes, através de seus escritos, exaltavam sua ação missionária, distinguindo-se da “perniciosa” revolta dos colonos, cuja postura denunciavam como “demoníaca”.

Também debruçando-se sobre a atuação inaciana, Alexandre Marcussi revela os embates da Cia. de Jesus na África. Expondo as múltiplas dificuldades dos jesuítas em converter a população escravizada, conversão esta usada como meio de legitimação da escravidão, o autor revela o destaque dado a esta atribuição eclesiástica ao clero residente em Luanda, onde diversos obstáculos culturais, linguísticos e religiosos se fizeram presentes.

Partindo do eixo atlântico do império para o localizado às margens do Índico, Rozely Oliveira, analisando o Convento das Mônica na Goa seiscentista, apresenta as distinções e hierarquias presentes entre as mulheres que nele viviam – umas de origem reinol e outras de origem indiana. Além disso, revela o propósito da fundação deste convento, do qual deveriam partir exemplos de vidas virtuosas para as mulheres nobres do Oriente, consolidando a presença católica em terras onde gentios e *infiéis* eram tão numerosos.

As tentativas de consolidação da fé católica na Ásia não partiram somente de iniciativas como a apresentada acima. Bruna Soalheiro nos demonstra, por exemplo, a ação inaciana em meio ao império mogol de Akbar. Convidados pelo poderoso soberano, três jesuítas, entre finais do século XVI e início do XVII, ingressaram nos debates entre diferentes credos que ocorriam na corte mogol, que se tornou palco de disputas e alteridades religiosas. Ressaltando diferenças, tais

debates, por outro lado, como apontado pela autora, revelaram possíveis diálogos entre crenças opostas entre si, como o cristianismo defendido pelos inicianos e os representantes muçulmanos.

Por fim, gostaríamos de agradecer a importante contribuição da professora Daniela Calainho para a realização deste dossiê em homenagem ao professor Rogério Ribas.

Tamanha multiplicidade de regiões e relações abordadas neste dossiê revelam a pluralidade presente nas alteridades religiosas situadas nos diversos cantos do império português. Alteridades que marcaram profundamente identidades de diversos povos tocados e mesclados pela expansão marítima lusa, fossem eles reinóis ou do ultramar. Uma diversidade que por si traduz os interesses de estudo e pesquisa do homenageado.

Companhia das Índias, abril de 2013.

Alex Silva Monteiro & Eduardo Borges de Carvalho Nogueira